

Mais de mil crianças fora da sala de aula

Agentes da Secretaria de Educação detectaram casos em que há vagas, mas os pais não fazem a matrícula

LUÍSA MEDEIROS

Nos últimos três dias, 2.284 agentes de matrícula da Secretaria de Educação visitaram 350.132 mil casas em todas as cidades do Distrito Federal. Eles bateram de porta em porta para saber quantas crianças de seis anos e meio a 14 anos estão fora de sala de aula. Pelo balanço preliminar do programa *A Escola Bate à sua Porta*, até o início da noite de ontem, 1.178 crianças em idade de frequentar o Ensino Fundamental se encontram nessa situação.

No ano passado, foram feitas 370 mil visitas, resultando em encaminhamento de 1.282 crianças e adolescentes para as escolas. Os números de ausência permaneceram equivalentes. Em 2005, explica a coordenadora do programa, Mara Gomes, muitas crianças receberam a vaga, mas os pais ou responsáveis não foram fazer a matrícula.

Os maiores causadores da evasão escolar são a migração desordenada de famílias para as cidades do DF, falta de vaga na escola de preferência, falta de professores e problemas financeiros. O surgimento de novas escolas não acompanha a vinda de crianças de outras cidades e estados, explica a coordenadora.

A mobilidade social é um dificultador do acesso ao estudo. Em São Sebastião, o fato atinge

as 16 escolas da região. Destas, cinco são rurais. Toda semana chegam novos moradores, conta a coordenadora da regional do programa, Sandra Flores. "Falta escola para tanta criança", explica. Na cidade, o foco da evasão escolar está na faixa etária abaixo de dez anos.

BAIXA RENDA - As cidades com população de renda baixa e distantes do Plano Piloto são as que mais possuem crianças e adolescentes fora da sala de aula. Ceilândia lidera o levantamento, com 366 crianças. Em seguida, São Sebastião, com 176, e Recanto das Emas, com 158. O Gama surpreendeu com apenas seis crianças sem frequentar a escola. O número menor é o do Plano Piloto: 29 crianças fora do Ensino Fundamental.

Mara diz que a falta de estudo tem relação direta com a pobreza. Exemplo disso são os novos assentamentos, como Itapoã, que ainda não tem escola. As crianças de lá precisam estudar no Paranoá ou no Plano Piloto. O empecilho obriga que haja transporte para a escola do alu-

no, que, se não for oferecido pelo governo, pesa na renda familiar.

A aposentada Vitalina Lopes de Oliveira não tem como pagar R\$ 60 por mês para o transporte escolar do neto Valderson, de seis anos. O menino e as duas irmãs mais velhas moram com os avós na quadra 5, conjunto B, casa 13 do Varjão. As duas meninas, de dez e oito anos, conseguiram estudar na cidade. Valderson foi encaminhado para estudar na L2 Norte, no Plano.

"Encaminhamos as crianças mais velhas para as escolas mais distantes"

Mara Gomes, coordenadora do programa *A Escola Bate à sua Porta*

"Não temos dinheiro para a condução dele. Ele pega os livros da avó e diz que vai para a escola", conta Vitalina. Segundo Mara, a secretaria dá preferência para colocar as crianças menores em escolas mais próximas de casa. "Encaminhamos as crianças mais velhas para as escolas mais distantes", esclarece.

O adolescente André Luís Pereira, 14 anos, também foi encaminhado para estudar a sexta série no Plano Piloto ou no Cruzeiro. Ele mora com a família no Varjão, e, segundo a mãe, Sebastiana Oliveira, não quis mais estudar em troca de trabalho. "Ele quer comprar as coisas", conta Sebastiana.



Valderson Santana e sua avó, Vitalina Lopes Oliveira: sem dinheiro para pagar transporte escolar

TONY WINSTON